

A QUESTIONADA INFLUÊNCIA AÇORIANA NO SUL DO BRASIL

Oswaldo A. Furlan
UFSC

Entre 1748/1756, aos 4.197 habitantes do litoral de Santa Catarina (SC), originários de S. Vicente (SP), acrescentaram-se 6.071 açorianos, o que provocou aumento populacional de 145%, superior, por muito, ao de qualquer outra Província, até mesmo à da vizinha S. Pedro (RS), para onde, segundo A. Porto, teriam migrado, entre 1749/1752, 2.278 açorianos. Até cerca de 1960, o intercâmbio lingüístico dessa miscigenada comunidade se fez quase só via marítima. De que ilhas procederam os açorianos? À falta de dados mais precisos, vale recorrer à tabela dos "alistados" de 1748, que pouco diverge da de 1750 e que fornece o total de 7.817: S. Miguel 328, Terceira 912, Graciosa 772, S. Jorge 2.822, Pico 1.776, Faial 1.207 (Piazza, 1983: 139-57).

O estudo dos falares dos Açores, completado por mim em Portugal, permitiu-me verificar que os maiores contingentes se alistaram naquelas ilhas cujos falares se assemelham mais ao padrão continental do que os de certas regiões do continente; os menores, naquelas que dele mais se afastaram (S. Miguel e Terceira). Por isso e porque os traços lingüísticos mais diferenciados geralmente são extintos na formação de uma coíné, não se encontram em SC os traços típicos do micalense, a saber, um desvio em série na pronúncia das vogais, com cinco casos de arredondamento, com abaixamento das vogais anteriores distensas e levantamento das vogais posteriores arredondadas, e do terceirense, a saber, o desenvolvimento de um elemento [-cons., -sil., +alto, rec.] junto à tônica, formando ditongo crescente, sempre que na sílaba precedente à

tônica ocorre elemento [-cons., -baixo, -rec.], regra que permite alterar a forma de uma mesma palavra, como a casa [a'kaza], em casa [ĩ'kaza], por casa [pur'kwaza].

Dentre os traços mais característicos do português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana (POCALA), quais devem ser creditados aos açorianos? A resposta a esta questão, tema de minha monografia de concurso à classe de Professor Titular (dez. 1987) não poderia não ser um pouco precária, já que os mais antigos documentos lingüísticos e estudos dos falares dos Açores não começam antes do fim do século passado (os do POCALA são recentes) e que o assunto é sumamente movediço, tanto que requer imensa cautela e agudo senso crítico. Com base em dados documentais e/ou no quadro dialetal do português hodierno, cheguei a conclusões interessantes, dentre as quais refiro passageiramente algumas antes de me deter na análise do léxico.

1 – TRAÇOS FÔNICOS E MORFO-SINTÁTICOS

1. Como forma de tratamento não cerimonioso, no POCALA é comum e geral o emprego do tu íntimo, havendo, na área rural, resíduos do vós respeitoso pelo menos até 1950, em perfeita consonância com o sistema vigente no período arcaico da língua. Até hoje, POCALA não cedeu à substituição do tu por você, que se processou em quase todas as regiões do país desde cerca de 1800, nem cedeu ao uso do verbo na forma da 3ª pessoa do singular, fato que ocorre em amplas regiões do RS e de SC, mas emprega sistematicamente o tuteamento com a forma verbal da 2ª pessoa do singular (ex.: tu vais? tu foste?), bem como ocorre ainda hoje no português europeu, quer açoriano quer continental. Esse quadro, associado ao fato do isolamento lingüístico, dá relativa segurança à conclusão de que os açorianos devem ter exercido papel decisivo na preservação desse sistema de tratamento.

2. Na fala inculta do POCALA, talvez em maior grau de difusão do que em outros falares brasileiros de acentuada ascendência lusa, ocorre apoio paragógico de [i] ou [e] aos oxítonas terminados em [w, r, s], grafados -l, -r, -s, -z; ex.: sol[e], mar[i], diz ['dize],

mas [ˈmaʒe]. A tendência paroxitonizante da língua portuguesa remonta ao próprio latim vulgar. Quanto às líquidas, o fenômeno ocorre ainda hoje no português europeu continental, bem como em áreas dos Açores, tendo sido registrado na Terceira e no Faial. Sem excluir a possibilidade de uma origem independente no POCALA, o grau de difusão do fenômeno, bem como sua posterior expansão para as fricativas, sugere uma filiação do fenômeno ao português europeu continental, advindo via açoriana.

3. O POCALA palataliza o [S] travante ou implosivo na área do primitivo assentamento açoriano — a isófono estende-se de P. Lopes/Garopaba a Piçarras —, o que associa SC a meia dúzia de pequenas áreas brasileiras “chiadoras” do [S] travante, a saber, Santos, Rio, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém/Manaus. Tal fenômeno é geral nos falares centro-meridionais de Portugal continental e em amplas áreas dos Açores. O mais antigo registro dessa inovação é a de A. Verney, em *Verdadeiro método de estudar*, 1736 (cf. 1949: 77s), segundo o qual “a pronúncia portuguesa acaba em x” todo o s final, bem como o z. Embora tal registro ocorra apenas 12 anos antes da migração açoriana e não faça alusão explícita aos Açores, os termos empregados por Verney deixam entrever ampla difusão do fenômeno. Esse fato, bem como a difusão maciça do mesmo traço no POCALA sugerem que o fenômeno resulta de filiação ao falar dos açorianos de 1748/1756. Se tal inovação ainda não havia atingido os falares açorianos de 1748, então a maior probabilidade é a de que ela tenha sido introduzida no POCALA posteriormente, a partir do português continental, sobretudo via intercâmbio com o falar carioca, relusitanizado em 1808, quando aos 50.000 cariocas foram acrescentados 25.000 portugueses, 15.000 dos quais estavam ligados à corte, cujo falar já devia encontrar-se com [S] palatalizado.

4. O POCALA velariza o [r], quer o múltiplo, como em *roda*, *carro*, *honra*, *Israel*, *Melro*, quer o singelo, como em *verde*, *porta*, *mar*. No português europeu, a uvularização acha-se restrita a grande área centrada em Lisboa e a áreas urbanas de S. Miguel e do Faial, mas só em início de sílaba. Essa diferença de posição, associada ao fato de que a mais antiga alusão à pronúncia posterior da vibrante refere o fenômeno como “individual” (G. Viana, *Essai*,

1883:102) permite concluir que a inovação no POCALA não se filia ao falar açoriano de 1748/1756. Não excluindo a hipótese pouco provável de sua origem em SC, a tese mais provável é a de sua filiação ao português europeu da virada do século 19, via intercâmbio com outros falares então velarizantes, sobretudo o carioca.

5. Dos seguintes traços é quase impossível comprovar sua filiação ao português europeu; por outro lado, suas características permitem explicá-los como resultado de natural e independente desenvolvimento no próprio POCALA:

a) absorção de iode por [S] palatalizado; ex.: mais [ˈmaʃ], seis [ˈseʃ], dois [ˈdos], azuis [aˈzuz];

b) palatalização de [t] precedido de [j] (ex.: oito [ˈojtju], *gaita* [ˈgajtja]) ou sua africacão ([ˈojtʃu, ˈgajtʃa]);

c) ênfase da tônica em prejuízo das átonas; rapidez de ritmo;

d) elevação entoacional da parte final das assertivas enfáticas, traço que é ilustrado, juntamente com o da palatalização do [S], pelo shiboleth “Si qués, qués; si não qués, diz”, i.é, “Se queres, queres; se não queres, dize”.

6. Os traços não típicos revelam acentuado processo de abraqueiramento.

7. No POCALA encontram-se os mesmos traços característicos dos falares centro-meridionais de Portugal, não os dos falares setentrionais.

2 – ASCENDÊNCIA DO LÉXICO AO PORTUGUÊS CONTINENTAL EUROPEU

O estudo que em 1982 fiz do léxico do artesanato agropesqueiro (instrumentos e embarcações de pesca, carros de tração animal e engenhos de farinha de mandioca) permitiu-me constatar que a grande maioria dos termos ascende ao português continental europeu. Com efeito:

1. O étimo de quase todo o referido léxico encontra-se nas mesmas línguas das quais procede o repertório lexical português como um todo, mantidas aproximadamente as proposições dos re-

sultados obtidos por cálculos de A. Nascentes (1955: XV-XXX) e acrescidos de alguns vocábulos de étimo tupi.

2. As muitas variantes populares ocorrentes nos falares de Portugal e de SC, ora coincidentes ora não, são todas explicáveis pelas naturais tendências evolutivas da língua.

3. O léxico em pauta acha-se, quase todo, registrado em modernos dicionários de Portugal, sobretudo em Morais (ed. 10). Grande parte de suas lexias (incluídas não poucas variantes) consta em recentes glossários agropesqueiros do português continental, como nos de Ana Lopes, Joana Alves, Maria Monteiro e Maria Lino Neto.

4. Quanto ao carro de boi, ao menos 19 das 25 lexias mencionadas no *Vocabulário...* de R. Bluteau (1716), editado em Lisboa meio século antes da migração açoriana a SC, são de uso geral no POCALA, com diferenças semânticas insignificantes relativamente à acepção nele registrada.

5. A grande maioria das lexias pesqueiras de SC constam em manuais nacionais de pesca; as agrárias acham-se difundidas em amplas áreas do país, embora com variantes fônicas e/ou semânticas.

6. A lexia *arcavém*, apontada por Boléo (1950: 622) como indício de influência açoriana é termo que remonta ao português continental porque B.J. de Souza (1959) diz ser "termo generalizado em todo o Brasil, apesar das corruptelas que apresenta", razão pela qual deveria constar no *Dicionário Aurélio* (1975). O mesmo Souza dá "*arcavém* também *alcavém*" como "corruptelas do vocábulo port. *recavém*". Se este étimo vier a ser confirmado, então o vocábulo remonta não a 1813, como registra A.G. Cunha (1982: "*recavém*"), mas a 1716, já que em Bluteau consta "*Recavém* — parta trazeyra do carro", embora não conste "*arcavém*".

7. A lexia *sinhá*, cuja origem Boléo indaga se não estaria no micalense *sinhara*, explica-se como forma feminina do *sinhõ*, variante de *senhor* na fala inculta.

3 — ORIGEM AÇORIANA DE "GUEXA, CHAMA-RITA, BERNUNÇA"

Entre os vocábulos para os quais imagino haver descoberto evidências de que não estariam em uso em Estados do extremo Sul do Brasil se não houvesse havido a migração açoriana de 1748/1756, apresento os seguintes:

1. *Chama-Rita* — Não está dicionarizado em R. Fontinha. Em Aurélio Ferreira (1975) consta: "De chamar + antr. f. Rita? 1. Dança de roda portuguesa da Madeira e dos Açores. 2. Bras. SP e RS. Chimarrita".

O étimo suposto justifica-se, já que consta no estribilho: "Chama a Rita"... Em SC esteve muito em uso até cerca de 1960. Indagados por mim, vários professores da Universidade dos Açores (Drs. Almeida Pavão, Nestor de Souza, Joaquim F. da Ponte Tavares e Maria da Conceição Vilhena) informaram que: 1. a música e a lexia são conhecidos em todas as ilhas dos Açores; 2. as mesmas são desconhecidas no Continente; 3. por isso são dadas como típicas dos Açores. Com base nisso, concluo que dança e termo foram introduzidos no Sul do Brasil pelos açorianos.

2. *Bernúncia* ou *Bernu(n)ça* — É correto o registro de Aurélio "s. f. Bras. SC. Folcl.", pois o termo só é usado na área de cultura luso-açoriana de SC. Designa personagem fantástica do folclore do boi-de-mamão, a qual representa o bicho-papão, antropofágico. Figura como animal comprido, de grandes mandíbulas; é manobrada a partir de dentro por duas pessoas. Já se disse, com razão, que deriva do latim *abrenúntias* 'renúncias', que ocorre no texto das promessas do batismo, em diálogo travado entre ministrante e padrinhos, os quais, na época do uso do latim na liturgia (até 1965), respondiam *abrenúntio*. De modo grosseiro, a evolução fonética pode ter sido a seguinte: *abrenúntias* → *abrenúncias* → *bernúncias* → *brenúncia* → *bernúncia* → *bernunça* → *bernuça*.

Sob a forma de interjeição de esconjuro, na acepção de "renúncio" ou "Deus me livre" encontra-se dicionarizado em Portugal e seu uso ainda não se extinguiu nos meios rurais do Continente, dos Açores e das ex-colônias, conforme verifiquei a partir de informantes delas; *abrenuz* em S. Miguel (Chichorro), *abrenún-*

cia (Guiné Bissau); abrenúncio ou abrenúncia (C. Verde). Com base na ampla difusão dessa interjeição em terras de Portugal, sou levado a crer que ela tenha sido introduzida em SC pelos açorianos de 1748, já que seu uso não foi registrado em nenhum outro falar brasileiro. Através de processo de mudança de classe gramatical é que se originou o substantivo *bernunça*. Se ficar comprovado que os açorianos introduziram a interjeição, ficará evidenciado que o termo não estaria em uso no POCALA sem a presença açoriana.

3. *Gue(i)xa* — Enquanto os elementos apontados por Boléo (1943;1950;1983) como indícios da validade de sua hipótese da influência açoriana no português do Brasil se revelam, no geral, pouco consistentes (ver 1.6 e 1.7), *gue(i)xa* é um dos elementos por ele apontados (1950: 22-4 e 1983: 598) que mais solidez apresenta. Por isso tratarei de: 1. uso e valor semântico; 2. étimo: propostas e crítica; 3. nova proposta de étimo; 4. origem histórica.

a) **Uso e valor semântico** — Não descobri termo idêntico ou similar no dicionário Corominas. Não se acha em uso no Continente Português, tanto assim que não consta nos glossários da dissertação de licenciatura descritivas dos falares regionais. Não consta em nenhum dos glossários agropesqueiros por mim consultados, nem no "Vocabulário entre Douro e Vouga", de A. de Sousa (1965). Em contrapartida, a maioria dos dicionários portugueses e brasileiros que o registram qualificam-no de "regionalismo açoriano" (M. Silva, R. Fontinha, Aurélio...) ou "provincialismo português" (C. Aulete). O único registro de ocorrência de um termo talvez cognato é o de C. Aulete: "*Quixa* s.f. (Vouzela): o mesmo que *guexa* ou *cabra*". Vouzela é aldeia do bispado de Viseu. Por ser aldeia, seria difícil fundamentar a filiação a ela do açorianismo *gue(i)xa*. Nem é conhecido no **Cabo Verde**.

Em **Açorianos na Califórnia**, E.M. Dias (1982: 44) inclui entre os açorianos lexicais "preservados" sem qualquer modificação *gueixa*, "vaca ainda não coberta".

Nos Açores, segundo C. de Medeiros (1964), o termo *gueixo*, —a, na acepção de "novilho, vitelo, bezerro" "é usado em todas as ilhas". Para São Miguel, seu uso é registrado por Lygia Matos (1936) e constatado por mim em 1985. Para Faial e Pico, Marcelo Lima (1957: 109) registra "guecho: bezerro, vitelo" Para a Tercei-

ra, seu uso, nessa referida acepção, é registrado por Lopes Dias (1982: 458) e por Machado Pires (1969: 282), que faz esta observação de natureza semântica: "O bovino até dois anos tem o nome *gueixo* e *gueixa*, conforme o sexo". Morais Silva (1977) registra: "Guexa — Nome que se aplica a vários animais, em Portugal [pode estar se referindo apenas aos Açores] e no Brasil (cabra, vitela, mula etc.); o mesmo que *quixa* (cabra); o mesmo que *gueixa* (vitela); o mesmo que mula". Que em Portugal, particularmente nos Açores, *gueixa* seja usado na acepção de "cabra" não encontrei em nenhuma das monografias descritivas de falares regionais, o que me leva a crer que essa observação de Morais 1977 se tenha inspirado em C. Aulete 1974 e que esta espelhe um arcaísmo conservado em minúscula região.

No Brasil, o termo não se encontra registrado em nenhum dos seus estudos descritivos de falares regionais, exceto nos dos Estados do RS e de SC, cujo uso apurei no litoral, no planalto e no interior. Em ambos os Estados, o uso, o valor semântico e a forma do termo são, de modo geral, idênticos e difundidos em toda a sua área. Com efeito, no RS, como observa Moraes (apud Corrêa, 1964: 241), o termo é usado só no feminino, designa "égua adulta" e "anda muito em voga em todo o Estado". Vale igualmente para SC a observação dele, segundo a qual, no RS, o termo não tem a acepção de "mula", que lhe atribuíra Roque Callage (ib.). Nas raras vezes que no oeste de SC, povoado por imigrantes advindos do RS, ouvi o termo nessas acepções, seu emprego deu-se por apoio e/ou por extensão de sentido. Em ambos os Estados, a preferência desse termo a *égua* é determinada, em muitos falantes incultos, por sentirem o termo *égua* como pouco delicado ou obsceno ou chulo (conotação registrada por Aurélio também para o NE do Brasil) para ser pronunciado ante pessoas de respeito.

Essas informações evidenciam a necessidade de corrigir duas falhas ocorrentes em muitos dicionários luso-brasileiros, particularmente no Aurélio (1975 e 1986): 1. O regionalismo do termo não se limita ao RS, mas estende-se a SC toda e, por efeito de migração, poderá ter sido levado ao Paraná e ao Mato Grosso; 2. Sua acepção não é a de "mula, burra", haurida de R. Corrêa, nem a de "égua velha", assumida de R. Callage (cf. Corrêa, 1964: 240s), mas a de "potranca" e, por extensão, "égua adulta".

b) **Propostas de étimo e crítica** — Leo Spitzer, já antes de 1943, supôs que a palavra decorre do germânico *wahsjan* "crescer" (cf. Silva Neto, 1970: 586). M. L. Wagner (1943) pensa que se pode "ventilar a questão de saber se... não provém do árabe *kebs* 'carneiro', maltês *kibx* 'cordeiro que começa a ter chifres'" (cf. J. P. Machado, 1956: 1143). Pressupõe, pois, origem continental, dondo teria sido introduzida nos Açores (Silva Neto, 1970: 586). J. P. Machado registra: "Gueixo, —a. Etimologia obscura". R. Corrêa (1964: 240) e Teschauer (ib.) originam "guecha" do castelhano *hechor* "asno". Aurélio Ferreira (1975 e 1986) insere *guexa*, mas não indica étimo, embora remeta para *gueixa*, "dançarina japonesa". Fontinha filia-o ao japonês: "Gueixa, s.f. (jap. *gèixa*) — Corte-sã do Japão; novilha". Nascentes não o registra na acepção em apreço. M. Silva e C. Figueiredo fazem-no cognato de *quixa* "cabra".

Crítica — A filiação a *hechor* apresenta dificuldades fonético-evolutivas, e não leva em conta as áreas do seu uso (Açores, Califórnia, SC e RS) e aquelas em que deveria estar mas não está (Espanha e faixa brasileira limítrofe com os países hispânicos).

A filiação ao japonês *geisha* não atende: à inexistência da cultura japonesa na Península Ibérica e nas áreas de uso do termo; à inexistência de uso, na acepção em pauta, nas áreas brasileiras povoadas por japoneses; à diferença semântica entre "jovem dançarina" e as acepções da pecuária. Que Aurélio não endossa esta tese infere-se dos fatos de que não registra o étimo e de que a remissão para a *gueixa* japonesa vem no fim do verbete, não no lugar do étimo, pelo que carece de fundamento a afirmação de que "guexo e gueixo diferem, mas são o mesmo termo, pois B. de Holanda em *gueixa* manda confrontar com *guexo* e vice-versa" (M. Pires, 1971).

Quanto à derivação do árabe *kebs*, mesmo que venha a confirmar-se a insinuação de Corominas de que o talvez cognato *gaita* (ver adiante) se tenha originado do indo-europeu, apresenta dificuldades, já apontadas por J. P. Machado ao dizer que as razões aduzidas por Wagner não o convencem: "Além da explicação semântica imposta por Chifres", "fica por explicar ainda, e pelo menos, a ausência do artigo definido arábico, *al-*". Ademais, apresen-

ta dificuldades fonético-evolutivas e não atende ao fato de o termo ser desconhecido na linguagem popular e na literatura do Continente, apesar de os mouros haverem-no habitado de 711 a 1249.

c) **Nova proposta de étimo** — O étimo que proponho não apresenta dificuldades de fonética evolutiva, atende a fatos mais numerosos do que as propostas anteriores: históricos, étnicos, semânticos, geo-lingüísticos etc. Filio o termo não ao grupo semítico, mas ao indo-europeu, através do flamengo *geitje* ['xejtše] "cabrito", diminutivo de *geit* "cabra", coganto de *gat* (valão), *gaits* (gótico) donde *gaita*, *kid* (novo inglês, sueco, dinamarquês), *kide* (médio inglês) (cf. Buck, 1949: 164), *Ziege* (alemão), cujo parentesco remoto com as formas semitas *kebs* (árabe) e *kibx* (maltês) não se pode antemão excluir.

Fundamentação: 1º) Os povoadores do Arquipélago Açoriano foram maciçamente indo-europeus; como se disse em 2.1, os mouros e negros devem ter sido poucos; em contrapartida, "dentre os elementos estrangeiros que colaboraram na formação do povo açoriano encontramos à cabeça da lista os flamengos...", os quais se estabeleceram nas ilhas que maiores contingentes haveriam de enviar a SC (cf. C. da Costa, 1978: 60); lá os flamengos desenvolveram a pastorícia (como no RS) e criaram as primeiras indústrias: laticínios, pastelarias etc. 2º) O uso, documentado em Portugal desde 1500 (cf. A. G. Cunha) e na Espanha desde o séc. 14, do provavelmente cognato *gaita*, termo que, segundo Corominas, é provavelmente do gótico *gaits* "cabra":

GAITA, voz oirunda del castellano y el gallego-portugués, extendida desde la Península Ibérica por el África hasta Turquía y el Oriente europeo; probablemente del gót. GAITS 'cabra', porque el fuelle de la gaita se hace de um pellejo de este animal. 1ª doc.: siglo XIV.

3º) Semanticamente, *bezerro* (açor.) e *égua* (bras.), relativamente a *cabrito* (flam.) ou *cabra* (gót.) apresentam menor grau de diferença do que relativamente a *dançarina* (jap.).

Evolução fonética proposta:

['xejtše]

[kejtšo] (1a) x → k; (1b) reestruturação morfológica: -e → -o;

[gejtšo] (2) k → g / V + — V

[gejšo] (3) tš → š

[gešo] (4) ej → e.

d) Origem histórica — Em que época teria entrado em uso o termo nos Açores? A ciência ainda não permite datá-lo. Note-se que não consta como verbete nos dez volumes do *Vocabulário... de Bluteau (1712/1721)* nem no dicionário etimológico histórico de A. G. Cunha (1982). Entre os lingüistas, o estudo do termo ocorreu já em 1890-2 (cf. H. R. Lang, in *Rev. Lus.*, 2: 53, apud Silva Neto, 1970: 586).

Se a hipótese da filiação do termo ao flamengo vier a se confirmar, então seu uso deve ter começado a desenvolver-se desde a imigração flamenga aos Açores, em 1470; mas sua difusão ter-se-ia dado nos séculos 16 e 17.

Fonicamente, parece-me sedutora a hipótese que filia *gueixa* a *guaxa* (do esp. *guacha*), ou a *égua* ou mesmo ao caldeamento de ambas as formas. Contudo, esta hipótese não resistiria à análise etnolingüística.

BIBLIOGRAFIA

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino*. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712/1721. 8v. + 2v. 1727/1728.
- BOLEO, Manuel de Paiva. *Brasiléirismos; problemas de método*. Coimbra, Coimbra Ed., 1943. 91p. Sep. de Brasília, Coimbra, v. 3.
- . *O Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana*. Brasília, Coimbra, 5: 603-67, 1950.
- . *A língua portuguesa do Continente, dos Açores e do Brasil; problemas de colonização e povoamento*. Coimbra, Fac. de Letras da Univ. de Coimbra, 1983. 56p.
- BUCK, Carl Darling. *A dictionary of selected synonyms in the principal indo-european languages*. Chicago, The University of Chicago Press, 1949. 1515p.
- CORREA, Romaguera et alii. *Vocabulário sul-rio-grandense*. Porto Alegre, Globo, 1964. 489p.
- COSTA, Carreiro da. *Esboço histórico dos Açores*. Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, 1978. 327p.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 839p.

- DIAS, Eduardo Mayone. *Açorianianos na Califórnia*. A. do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação..., 1982. 403p.
- DIAS, Maria A. B. Lopes. *Ilha Terceira; estudo de linguagem e etnografia*. Braga, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982. 495p.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. 1499p.
- FURLAN, Oswaldo A. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense*. Rio de Janeiro, Univ. Federal, Fac. de Letras, 1982. 420f.
- . *O português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana comparado com o português europeu*. Estudos, Salvador, Univ. Federal, Instituto de Letras, 5, 1986.
- . *O português de ascendência luso-açoriana em Santa Catarina; estudo diacrônico e etnolingüístico*. Florianópolis, Univ. Federal, Dep. de Língua e Literatura Vernáculas, 1987. 197f.
- LIMA, Marcelino. *Vocabulário regional das Ilhas do Faial e Pico*. Boletim do Núcleo da Horta, 1(2): 107-41, 1957.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Confluência, 1956. 2v.
- MEDEIROS, Maria de J. Chichorro. *A linguagem micaelense em alguns de seus aspectos*. Lisboa, Faculdade de Letras, 1964. 374f.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1955. 534p.
- PIAZZA, Walter Fernando. *O povoamento açoriano*. In: —. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis, UFSC, Lunardelli, 1983. p. 138-58.
- PIRES, Antônio M. B. Machado. *A pastorícia dos bovinos na Ilha Terceira*. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, A. do Heroísmo, 29-33: 231-387, 1971-5.
- SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970. 651p.
- SOUSA, Arlindo de. *Vocabulário de entre Douro e Vouga*. Revista de Portugal, Lisboa, 30: 1-55, 1965.
- SOUZA, Bernardino José de. *Vocabulário do carro-de-bois*. Revista Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, Acadêmica, 5(1/2): 129-215, 1959/60.
- VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar; estudos lingüísticos*. Lisboa, Sá da Costa, 1949. 278p. v. 1 [1. ed. 1746].
- VIANA, A. R. Gonçalves. *Essai de phonétique...* In: —. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1973. p. 83-152.

O PORTUGUÊS DE ASCENDÊNCIA LUSO-AÇORIANA EM SANTA CATARINA

